

# A LITANIA DA VELHA NA NOVA/VELHA SÃO LUÍS

Márcia Milena Galdez Ferreira \*

## RESUMO

O presente trabalho busca analisar as questões da memória e do patrimônio no centro histórico de São Luís a partir de uma leitura do poema Litania da velha de Arlete Nogueira da Cruz. Neste poema a autora faz uma interpretação do centro histórico da cidade a partir dos passos de uma velha que vive de esmolas recolhidas e dos achados de inútil valia catados nas ruas. Utilizando conceitos formulados por Walter Benjamin, buscamos extrair de fragmentos dessa obra imagens dialéticas que nos permitam a compreensão de um passado presente de São Luís do Maranhão.

Palavras-chave: Litania da velha, São Luís, centro histórico, memória, patrimônio.

## 1 INTRODUÇÃO

Este artigo se constitui num exercício de aproximação com o universo social que se pretende analisar, qual seja, o perímetro físico e simbólico conceituado como centro histórico de São Luís, palco onde vêm se efetuando profundas transformações desde a década de 1980 com a implementação de projetos de revitalização nesta área.

Uma série de intervenções tem afetado o cotidiano dos moradores e freqüentadores desse espaço que vem se tornando preciosa matéria-prima a partir da qual se extraem fragmentos utilizados como elementos para a produção de símbolos identitários regionais. Neste desenho que se forja a partir do centro histórico inúmeros traços das gentes e das pedras que lhe performam são subtraídos de um mosaico criteriosamente construído. Buscamos através da leitura de imagens construídas por literatos visualizar alguns dos traços submersos nas idéias-imagens referentes à cidade de São Luís e, por extensão metonímica, do Estado do Maranhão.

---

\* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFMA.  
e\_mail: milena.galdez@bol.com.br

## 2 ENTRE A HISTÓRIA E A MEMÓRIA: SOBREPOSIÇÃO DE CIDADES

“Patrimônio de quem? De ti? De mim?  
Patrimônio de toda humanidade?  
Herança de barata, de cupim”?  
(José Chagas)

Em 1997 São Luís do Maranhão recebeu o título de patrimônio da humanidade. Seu centro histórico, já protegido por lei federal (1955) e estadual (1986), fora então brindado com a inscrição na lista da UNESCO (1997). Seu conjunto arquitetônico, tombado e consagrado como de valor universal, pôde então (re)construir com ares de legitimidade uma cidade da memória, a nova/velha São Luís, palco onde são produzidos e reproduzidos “lugares da memória”(NORA,1981).

A ânsia por museificar, catalogar, arquivar, erigir monumentos e documentos, atitude corriqueira dos homens e mulheres do nosso tempo, aponta para um medo que perpassa toda a humanidade: o esfacelamento das memórias coletivas. Segundo Nora (1981, p.8): “Se habitássemos ainda nossa memória, não teríamos necessidade de lhe consagrar lugares. Não haveria lugares porque não haveria memória transportada pela história.”

Num mundo de um tempo veloz que a tudo varre, tempo de um presente contínuo, faz-se urgente petrificar o passado que rapidamente se esvai, congelando cacos das memórias em monumentos e documentos, erigindo a partir desses fragmentos ‘lugares de memória’. O passado assim petrificado não pode, nem poderia ser, uma reprodução do vivido, já que para ser elevado à condição de monumento, passa por dois complexos seletores que o (re)inventam: a memória e a história. Conforme aponta Bosi (1994), na definição de memória coletiva formulada por Maurice Halbwachs, a memória não corresponde a um lócus onde o passado pode ser resgatado em sua forma pura (conforme defendera Bérghson), mas como lugar onde este é (re)feito, (re)construído, já que as experiências vividas pelos sujeitos e pelos grupos sociais entre o tempo do lembrado (passado) e o tempo do vivido (presente) performam as lentes através das quais o passado é (re)lido. As lembranças são, portanto, construídas a partir de uma superposição de temporalidades; presente e passado se entrelaçam na memória.

Se a memória coletiva é, conforme indica Nora (apud LE GOFF, 1990, p.472): “o que fica do passado no vivido dos grupos, ou o que os grupos fazem do passado”, no trajeto que vai da memória coletiva à história, o passado sofre outras ressignificações. A ameaça de amnésia coletiva nos torna inquilinos de um traçoireiro mosaico de idéias-imagens criteriosamente selecionadas do passado e

depuradas pelos filtros do presente de quem a escreve e para quem (para que) a escreve: a história. Conforme aponta Janice Theodoro (1992, p.86): “Memória e esquecimento são processos correlatos formadores de grandes linhagens dentro do pensamento historiográfico, em torno dos quais a bibliografia se acomoda”. As narrativas historiográficas são construídas a partir de uma criteriosa filtragem das memórias: a história oficial recolhe das memórias o que elege enquanto fato histórico rememorando pessoas, lugares e fatos que conotam felicidade, orgulho, ocultando o desagradável, o vergonhoso, o doloroso. E assim se inventam as histórias do mesmo, soterrando-se o outro no esquecimento.

No ensaio “Sobre o conceito de História”, escrito em 1940, Walter Benjamin já aponta para a surdez que impedia os historiadores de ouvirem vozes do passado destoantes da história historicista que se pretendia construir. Assim pergunta Benjamin (1994, p.223): “Não existem nas vozes que escutamos, ecos das vozes que emudeceram?” No presente artigo procuramos “escovar a história a contrapelo” (BENJAMIN, 1995, p.225), buscando ouvir e fazer ouvir as vozes emudecidas dos homens e mulheres que vivem no centro histórico de São Luís. Estes sujeitos sociais, moradores de habitações coletivas situadas em casarões tombados que ameaçam tombar no chão da cidade e soterrar com a fúria do concreto suas memórias, vivem nas ruas da cidade da memória, mas são parte de uma cidade sem memória.

Denomino cidade da memória ao conjunto de idéias-imagens referentes à cidade de São Luís do Maranhão propaladas em lugares da memória, sedimentadas na historiografia do ‘mesmo’ e veiculadas pelas agências com interesses empresariais no perímetro espacial e simbólico do centro histórico. Enquanto a expressão cidade sem memória é a metáfora utilizada na busca de uma primeira aproximação com os agentes sociais que vivem nessa área (os quais são comumente estigmatizados no senso comum como decadentes, promíscuos, sujos e perigosos) e com o amálgama disperso e caótico de cacos de suas memórias e histórias. Buscamos, pois, nas ruas, bares, feiras, becos e casarões da cidade da memória perscrutar nas vozes que escutamos ecos das vozes emudecidas de uma outra/mesma cidade: a cidade sem memória.

A São Luís patrimônio da humanidade, cidade da memória, possui um conjunto arquitetônico invejável, uma história instituída sob o imperativo dos pressupostos da glória e da singularidade, e um potencial mercadológico promissor, mas, a cada quadra de seu perímetro, uma outra cidade se sobrepõe: a cidade sem memória, sem história e sem dinheiro para pagar o aluguel. Homens, mulheres, crianças e velhos são seus inquilinos: percorrem suas ruas durante o dia e/ou a noite em busca de bicos, esmolas escorridas de alguma mão, apanhadas de restos do chão ou furtadas do bolso de quem atravessa seus caminhos. Esses sujeitos sociais, aqui entendidos como atores da cidade sem memória, arrombam portas de prédios abandonados por proprietários que anseiam por sua queda- já

que para estes mais vale um espaço vazio que possa ser usado como estacionamento do que um casarão colonial que para se manter de pé precisa de muito cimento- ou alugam quartos em habitações coletivas que não exigem do locador comprovante de renda nem fiador.

E a cidade da memória, a São Luís patrimônio da humanidade? “Patrimônio de quem?”- pergunta com sagacidade o poeta José Chagas. O que há de mim, de ti, ou de toda humanidade no “patrimônio pesado e surdo”(FONSECA,1997, p.18) do centro histórico de São Luís? Que memórias da cidade hibernam na cidade da memória.? Além das baratas e dos cupins, quem são os herdeiros desse “patrimônio de pedra e cal”?

A política de revitalização do centro histórico de São Luís se iniciou na década de 1970 com o projeto então denominado Praia Grande (denominação de um dos mais tradicionais bairros da cidade).”Na década de 1980, com as mudanças que ocorriam na política estadual, o antigo Projeto Praia Grande passou a ser denominado Projeto Reviver” (CORRÊA, 2003, p.128). O bairro da Praia Grande, que desde meados do século XX não mais possuía a função de eixo econômico- com a instalação do Porto do Itaqui- nem de zona residencial da elite- especialmente a partir da década de 1970 com a construção da ponte José Sarney e o surgimento de bairros nobres numa outra área da cidade- perde habitantes, estabelecimentos comerciais e prestígio. A Praia Grande, então, envelhece e o Projeto Reviver, denominação/conceito, trata de rejuvenescê-la, selecionando belas páginas de sua história para exaltá-la em modernas tintas. Nas palavras de Corrêa (2003, p.128, grifos do autor): “Percebe-se que a idéia de revitalização surge associada a um tipo de nostalgia ou de recuperação de uma ‘identidade perdida’”.Uma criteriosa seleção tratará de inventar tal ‘identidade perdida’.

Vejamos algumas poucas linhas de sua história que são decantadas nas praças e ruas de um bairro que, após a execução do projeto de revitalização, mudou de nome; a Praia Grande hoje é conhecida por ludovicenses e turistas como Reviver.

Na Praia Grande (conta a história!) viveram os seus mais ricos comerciantes, muitos de seus sobrados foram cenários de luxuosos cabarés. Ilustres literatos, que deram à cidade a alcunha de Atenas Brasileira, decerto também pisaram as pedras de cantaria que cobrem suas calçadas. Do Cais da Sagração, ali construído, entraram e saíram avultadas riquezas do Maranhão. Enfim, seu fausto e opulência são largamente propagados em lugares de memória: jazem na arquitetura dos casarões, na literatura em verso e prosa, nas músicas líricas, nas toadas de bumba meu boi e nas narrativas dos historiadores que, com garbo, teceram as linhas de uma história oficial.

Porém, poucos cacos foram colhidos das memórias do fastio e da miséria que perpassam o passado/presente deste bairro. Nada ou quase nada foi dito/inventado a partir das memórias que precisam ser soterradas pela cenografia

que se forja sob o pseudônimo de revitalização.

Os versos de Chagas (1999, p.18) nos convidam a refletir acerca dos cacos das memórias subterrâneas que jazem insepultas nas entranhas dos casarões da Praia Grande:

Preciso é que se pense São Luís,  
e não viver só de memoriza-la.  
Que ela não é somente o que se diz,  
mas o que oculto está por trás da fala,  
e é preciso que venha o aprendiz  
de tradição e busque o que a assinala,  
e descubra por fim a alma matriz  
do sonho que está sempre a alimentá-la,  
com a seiva de sua última raiz  
que em tempos idos a cobriu de gala,  
mas as vezes a história não condiz  
com o que comumente se propala,  
sempre escondendo os erros e os ardis  
do que foi casa-grande e hoje é senzala.

Os barões, madames (designação dada às proprietárias dos luxuosos cabarés, bem como às respeitáveis esposas dos homens endinheirados e/ou prestigiados da cidade), donos de armazéns, ilustres bacharéis e literatos não tiveram como herdeiros apenas as baratas e os cupins, mas anônimos inquilinos que fazem das casas-grandes/casarões senzalas/cortiços. Os herdeiros de tão imponente patrimônio são personagens da São Luís desmemoriada e não da que se rememora nos seus lugares de memória; fazem parte da São Luís que se precisa pensar e que é recalçada por uma historiografia narcisista; são filhos da história que, parafraseando José Chagas, está por trás da fala e não da que se diz.

Grande parte da historiografia maranhense se funda na reprodução de signos (referentes à cidade de São Luís) inventados a partir de uma criteriosa seleção de fatos singulares: São Luís (e, por extensão metonímica, o Maranhão) é a Atenas Brasileira (nobre codinome recebido no século XIX pelo mérito literário de seus ilustres ‘filhos’ - quase todos eles nascidos em outra localidade do Estado do Maranhão); é fundada por franceses (fato ‘descoberto’ - leia-se inventado- trezentos anos após sua fundação em 1912); e é até mesmo o lugar onde se fala o melhor português do Brasil (malgrado o elevado índice de analfabetismo em todo o Estado). E a historiografia oficial maranhense não cansa de se mirar nessas imagens de Narciso produzidas com barragens que fazem parar a correnteza e propaladas com tal eficácia que um maranhense comum, analfabeto de pai e mãe, é capaz de reconhecer-se nesse espelho. O espelho de Narciso é, parafraseando

sendo Chagas, a história que se diz; são as histórias da cidade da memória. Nosso objeto, porém, é a história que está por trás da fala, submersa no rio que só reflete as imagens de Narciso (imagens do mesmo); são as histórias e as memórias da cidade sem memória, tão submersas que aqueles que carregam seus fragmentos desconexos não percebem a asfixia de suas memórias, chegando por vezes a se reconhecer no espelho do mesmo.

### 3 IMAGENS DIALÉTICAS

Na tentativa de uma primeira aproximação com as experiências sociais desse outro recorreremos à literatura como fonte de análise e à ferramentas conceituais elaboradas por Walter Benjamin. Deste autor tomamos emprestada a noção de imagem dialética, espécie de câmara teórica a partir da qual ele elabora uma leitura da realidade. Conceito caro a Walter Benjamin (apud BOLLE, 1994, p. 64), na imagem dialética “está contido o tempo”. Segundo Bolle (1994, p. 69): “as imagens dialéticas não são ‘dadas’ empiricamente, mas são o resultado de uma ‘construção’ por meio da qual elas se tornam objetos históricos.”

Walter Benjamin rompe com uma concepção de tempo linear ao atribuir à História um papel muito mais amplo que o de se debruçar sobre o passado. É no intuito de fazer esse percurso, onde o passado confere ao presente a conhecibilidade de sua época, que Benjamin recorre à literatura de outros tempos para compreender o ‘tempo de agora’. Nas suas próprias palavras: “não se trata de apresentar as obras literárias no contexto de seu tempo, mas de apresentar, no tempo em que elas nasceram, o tempo que as revela e conhece; o nosso.” (BENJAMIN apud BOLLE, 1994, p.48)

O mergulho no passado deve ser feito através de imagens, com uma câmara acurada se deve flagrar seus relampejos, pois “a verdadeira imagem do passado perpassa veloz. O passado só se deixa fixar como imagem que relampeja irreversivelmente no momento em que é reconhecido.” (BENJAMIN, 1994, p. 224)

Como nas imagens dialéticas que Benjamin elabora a partir dos poemas de Baudelaire, a “Litania da velha” parece prenhe de tempos de agora. Na imagem da velha que Arlete Nogueira da Cruz pintou em versos estão contidos tempos pretéritos, presentes e futuros(?) das pedras e células de gentes e logradouros da nova/velha São Luís.

Em busca dos herdeiros desse vil patrimônio, patrimônio de estilhaços da humana idade, seguiremos as trilhas construídas pelo poema Litania da velha de Arlete Nogueira da Cruz, verdadeira alegoria da cidade sem memória. Mergulhando no olhar atento da poetisa, aprendiz da cidade, buscamos na colagem de fragmentos montar imagens prenhes de ecos de vozes emudecidas de um passado/presente de São Luís.

#### 4 INTERROGANDO LITANIA MUDA

A Litania da velha é ladainha que atravessa a história e a memória da cidade sem memória numa temporalidade que é a um só tempo ontem e hoje. Nos passos errantes da velha, que Arlete Nogueira em 1995 condensou sob a forma de poema, ecoam o tempo de ontem e o tempo de agora. Velhas mortas e (talvez) outras que ainda não envelheceram se encarnam numa imagem dialética construída com maestria.

Na “Litania da velha”, os habitantes e a cidade parecem se fundir numa só imagem: a velha e a cidade envelhecida compõem um só personagem. No prefácio que faz do poema de Arlete Nogueira da Cruz (1995, p.1) José Chagas capta tal fusão:

Esse poema humaniza, ou melhor, personaliza magistralmente a cidade em sua decrepitude, pois que, de fato, esse envelhecimento está ligado visceralmente ao destino dos que a habitam, como uma fatal força aniquiladora até de nossas esperanças. A rigor, envelhecemos e morremos com ela, enterramo-nos desgraçadamente em seus próprios escombros.

Alegoria dos habitantes do centro histórico e da cidade antiga, o poema suscita imagens onde espírito e matéria, célula e pedra, habitante e cidade estão amalgamados. Como se uma força maior lhes outorgasse uma união eterna, a velha e a cidade velha esmaecem juntas, soterradas sob os mesmos escombros.

Este também parece ser o destino dos homens e mulheres que vivem em habitações coletivas no centro histórico de São Luís. Esses sujeitos sociais parecem estabelecer um profundo sentimento de pertencimento ao espaço em que vivem. Por que não deixam o centro da cidade? Por que teimam em viver/morrer nas entranhas de suas ruínas? Por que esperam que os casarões desabem sobre suas cabeças?

O poeta José Chagas continua seu comentário:

A velha, no caso, desprezada pelas gerações que a sucedem e que dela descendem, parece reagir com seus avoengos injustiçados que se vingam deserdando os filhos e fazendo com que os próprios netos e bisnetos fiquem sem memória, conduzidos assim à pior das mortes, que é a obnubilação do espírito. (CRUZ, 1995, p.2)

Para onde foram os descendentes da velha que lhe deixaram só na

cidade envelhecida? O que ela fará de suas recordações na solidão a que fora condenada? Pra quem falará da cidade antiga? Enterrará sua memória, memória da cidade sem memória, junto às ruínas com a qual também seu corpo se arruína. E como as memórias da velha São Luís emudecem — já que os netos e bisnetos preferem a nova/velha São Luís, cidade da memória (vulgarmente Reviver) — emudece também a velha. O deserdar é a paga que a velha e a velha cidade dão aos seus descendentes pelo desprezo recebido. Silêncio, ruínas, amnésia, a velha, a cidade. Imagens. Com a palavra, Arlete Nogueira da Cruz (1995, p.11):

O tempo consome o silêncio e mastiga vagaroso a feroz injustiça.

O campo se perde embebido em jenipapos para a manhã sufocada.

Os bois da infância ruminam sua paciência e espreitam essa audácia.

- O tempo dói na ferida aberta da recordação.

O tempo e a velha são companheiros no silêncio e no pesar. Sem interlocutores que possam ou queiram ouvir suas lembranças, a velha emudece. Perde-se uma narradora; perdem-se memórias da cidade sem memória. Recordar é doloroso e contar não é mais possível; a velha cala e com ela cala a velha cidade.

No nosso tempo, não se contam nem se ouvem mais histórias. Como há muito já dissera Benjamin (1994, p.197-198): “A arte de narrar está em vias de extinção. [...] É como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências.”. Na cidade em processo de modernização, a narrativa não tem mais lugar e “a difusão da informação é decisivamente responsável por esse declínio.” (BENJAMIN, 1994, p.203)

A velha emudece como, parafraseando Benjamin (1994, 197), ‘os combatentes que voltam da guerra’. Suas experiências de pobreza e dor perderam a comunicabilidade numa cidade onde o tempo urge para muitos, enquanto para ela é puro vagar.

A rua, de novo, é caminho que a leva para a passagem das horas.

A atenção, entre as pedras, ignora a manhã que cresce sem ela.

[...] O dia de há muito não tem noite e a noite para ela não tem dia.

A insônia lhe nega a sensação de que a manhã recomeça.

A vida se inteiriza assim sem a trégua de um intervalo.

(CRUZ,1995,p.15-16)

Os passos da velha parecem não ter mais lugar no vai-e-vem da cidade nova; “O andar, de tão trôpego, inventa uma dança entre carros e homens./ Os chinelos falidos arrastam desejos deixados no chão” (CRUZ, 1995, p.21). A dança da velha entre carros e homens destoa da música que rege os passos dos personagens da nova São Luís. Dois tempos se cruzam, duas cidades se interpenetram com desprezo e pavor nessas imagens. “A hora é confusa sob o som repetido do microfone da rua./ A música lhe soa como um berro aflito ao meio-dia da infância.” (CRUZ, 1995, p.27).

Da cidade nova, a velha cata os restos que lhe garantem a sobrevivência: “Os dedos são imãs catando do lixo a pompa dos dias” (CRUZ, 1995, p.29) Da pompa de sua estranha vizinha, a nova São Luís, a velha cobra seu mísero salário: “as pernas se curvam para apanhar o achado de inútil valia./ As mãos tateantes recolhem a moeda atirada ao desprezo.” (CRUZ, 1995, p.20). Para catar das ruas seu mísero salário, a velha, personagem da cidade morta, percorre os caminhos e descaminhos da cidade viva. “A precisão avalia e guarda com zelo a oferta do dia./ A bolsa da saia é o saco que abriga a redenção do passeio.” (CRUZ, 1995, p.21)

Em suas andanças, a velha se depara sem espanto com seus companheiros de pesar, mas nem mesmo a dor compartilhada lhe torna possível intercambiar experiências com esses novos inquilinos da cidade velha. A criança suja e inocente e o cachorro abandonado, sozinho e sem rumo, são os primeiros descendentes que encontra nas ruas da cidade sem memória: “A criança brinca no esgoto que escoo também o seu sonho pequeno./ O cachorro, perdido, caminha o desvio de seu abandono.” (CRUZ, 1995, p.13).

Na quitanda da rua onde sorve o café “que lhe devolve a ilusão das coisas estáveis”, a velha se depara, num olhar corriqueiro que não carrega sentimento, com outro personagem que, em alcoólica degradação, faz-se também componente da velha cidade: “o bêbado cochila sentado, babando os espasmos da inconsciência./ O mocho serve de trono de onde ele reina cambaleando as imagens.” (CRUZ, 1995, p.14).

Nos labirintos da noite outros personagens da velha São Luís se mostram ou se escondem: “O homem se esconde na senzala da noite e morde a lembrança./A mulher, no desespero da hora, cata ansiosa seus rastros de amor.” (CRUZ, 1995, p.24). Mulheres que vendem o que lhes resta do corpo, saem a procura de compradores de barata mercadoria. Há muito, as meretrizes da rua 28 de Julho não gozam mais de boa aceitação no mercado do sexo; as madames estão mortas e, na cidade velha, vivem apenas aquelas que ‘ansiosas catam, nas ruas, rastros de amor.’

Senzalas da noite...e do dia. Como o poeta José Chagas pintou em versos, ‘o que foi casa-grande, hoje é senzala’. Casarões da velha São Luís que não foram restaurados nem revitalizados pelo Projeto Reviver tornam-se lugar de

moradia ou de dormida para homens, mulheres, velhos e crianças que fazem das ruas do centro da cidade o lugar onde se ganha, se rouba ou se cobra o pão de cada dia. Trabalhadores de um mercado informal, pedintes de uma cidade já sem piedade e assaltantes de uma pobreza já sem paciência para ganhar a vida com esmolas ou bicos, abrigam-se da chuva e do sol, do calor e do frio, da noite e do dia, do bandido e da polícia nas entranhas da cidade velha. Uns perambulam pelas ruas da cidade nova em busca de rendimentos que lhe garantam pagar o mísero aluguel. Nas palavras da velha: “O aluguel da moradia promíscua é mesquinho rendimento da dor”(CRUZ, 1995, p.22). Outros invadem os sobrados prestes a desabar; aí não se paga aluguel nem se recebe ‘visita’ de policial. O mundo do tráfico e do roubo espreitam e desafiam a morte nos “sobrados sem telhados [que] são armadilhas de sorrateiro interesse.” (CRUZ, 1995, p.22)

O odor dos porões sobe a escadaria exalando nos andares desfeitos.

As antigas alcovas se abrem em cloacas na incontinência dos restos.

A esquina adiante improvisa um duelo e acolhe a pressa e o susto.

O alvoroço não cabe no espectro do entulho que se cobre de pranto.

O sobrado desaba sob a complacência de quem lhe espreita essa queda.

A ruína é conquista que explode exata contra o pálido espanto.

Os inquilinos da cidade velha habitam-se ao convívio com os odores dos porões, naturalizam o temor de que mais um andar se desfaça, das antigas alcovas que se abrem em cloacas fazem moradas, e dos restos que ali jazem, fazem seus pertences. Reclamam das baratas e dos cupins, dos ratos e morcegos, sua parte na herança que os ricos senhores deixaram.

E de tempos em tempos, a velha São Luís chama seus herdeiros para um duelo desigual; cobre com seus pesados escombros os que insistem em viver nas suas entranhas, soterra seus corpos e suas memórias. Algumas testemunhas oculares e vítimas de desabamentos de imóveis do centro histórico de São Luís ainda persistem vivendo no mesmo perímetro. É com pavor que lembram ter sobrevivido à fúria do tempo que explode os sobrados; outrora, casas grande; hoje, senzalas.

“A antiga cidade é uma ilha que se desfaz em salitre.” (CRUZ, 1995, p. 15) A velha permanece na ilha envelhecendo com a antiga cidade até que o tempo também lhe desfaz em salitre, e juntando seus escombros (seu corpo

esquálido e seus míseros pertences) aos entulhos das ruínas da cidade velha que explodem e, como ela, causam apenas um breve e pálido espanto. Afinal, quem está morto em vida, merece a morte como recompensa:

A velha então se ampara na edificação de seu medo e cai.  
O rosto congela uma queixa suave que se expande em ternura  
O corpo humilhado expõe o segredo mais íntimo à glória fugaz.  
O sexo pousado, de vulvas marinhas, é uma ave abatida.  
As plumas tão alvas tremulam nervosas do tiro certo.  
O pano se estende à curiosidade e ao frio do corpo tão triste.  
(CRUZ, 1995, p.36-37)

A velha cai como caem as ruínas da cidade. Na sua morte enterra consigo memórias da cidade sem memória, deixando a seus netos e bisnetos — os cachorros sem dono e sem rumo, as crianças que escoam seus sonhos pequenos nos esgotos, os bêbados que reinam nos troncos infames das quitandas das ruas, os homens e mulheres que ali fazem seu jogo da vida — um patrimônio pesado e mudo como herança.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Resta-nos a instigante, urgente e trabalhosa tarefa de conversar com seus netos, bisnetos, irmãos e irmãs sobre o que a velha contava de si, dos seus e da sua cidade quando ainda sabia contar histórias e encontrava quem lhe ouvisse. Ouviremos, pois, a velha, seus herdeiros e as pedras da cidade por onde pisou, as sarjetas onde escoou seus equívocos e os punhais que se enfiaram em suas memórias; memórias da cidade sem memória que agonizam a espera de um despertar.

### THE LITANIA DA VELHA IN NEW/OLD SAO LUIS

#### ABSTRACT

This work intends to analyse the problem of memory and the heritage of the historic town of Sao Luis from a view about the Arlete Nogueira da Cruz' poem, "Litania da velha". In this poem, the author elaborates a reading on the historic town of the city from an old woman's steps

who live between the buildings and the unuseful findings of the street. Using conceits formulated by Walter Benjamin, trying to extract from fragments of this work dialectic images that along to understand a present past from Sao Luis do Maranhao.

**Keywords:** Lítania da velha, São Luís, memory, in heritage

## Referências

- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BOLLE, Willi. *Fisiognomia da metrópole moderna: representação da História em Walter Benjamin*. São Paulo: Edusp, 1994.
- BOSI, Ecléia. *Memória e sociedade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CHAGAS, José. *Os azulejos do tempo: patrimônio da humana idade*. São Luís: Sotaque Norte, 1999.
- CORRÊA, Alexandre Fernandes. *Vilas, parques, bairros e terreiros: novos patrimônios na cena das políticas culturais em São Paulo e São Luís*. São Luís: EdUFMA, 2003.
- CRUZ, Arlete Nogueira da. *Lítania da velha*. São Paulo: Digital Gráfica, 1995.
- FONSECA, Maria Cecília Lourdes. *O patrimônio em processo; trajetória da política federal de preservação no Brasil*. Rio de Janeiro; UFRJ: IPHAN, 1997.
- NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. Revista do Departamento de História da PUC/SP. São Paulo: PUC, 1981.
- THEODORO, Janice. *América barroca*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.